

Espaço Llansol: um (breve) exercício de leitura de uma escrita de traços

Aline Natureza de Andrade Silveira¹

Há uma série de trabalhos da artista plástica londrina Rachel Whiteread que consiste em moldar com matéria sólida o vazio existente entre as bordas, as paredes, os cômodos e até, no mais radical deles, *House* (1992), uma casa inteira, expondo o negativo do que percebemos como matéria, preenchendo com concreto um espaço de ausências, numa tentativa de se fazer ver o vazio, nos desafiando o olhar e a olhar, por mais inquietude que esse movimento provoque.

<<Todo acto creador contiene una amenaza real para el hombre que osa emprenderlo, es en esse sentido que uma obra interesa o al lector. Si el pensamiento se niega a sopesar, a forzar, este se expone a sufrir infructuosamente todas las brutalidades que su ausencia há liberado.>> (GODARD, citado por DIDI-HUBERMAN, 2004, p. 222)

Trago a imagem dessa obra, porque penso que, de alguma forma, esse gesto de Whiteread se assemelha à escrita de Maria Gabriela Llansol, no sentido de des-obra, de desmontar a própria obra – o texto, no caso da escritora portuguesa – tanto a casa quanto a escrita adquirem uma nova significação, tornam-se estranhas quando arrancadas do seu contexto usual.

Parto da ideia de que o trabalho de Llansol se arma como uma casa de acolhimento – casa de escrita –, que procura se preencher e preencher seus espaços com outros textos, outras histórias, com figuras (entes), que habitam espaços de não-tempo,

¹ Acadêmica de Letras-Português da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: revisoassessoria@gmail.com

caminham errantes e convidam o leitor a se tornar um deles (legente). E só assim, tornando-se parte da casa de Llansol, é que se pode tentar ler seus textos.

nota 1: dos habitantes

A primeira coisa a se compreender é que não há personagens nos livros de Maria Gabriela Llansol. (LOPES, 1988, p.42)

A casa-texto de Llansol é habitada por *entes*, figuras que permeiam seus livros – inclusive os diários, quando ela própria, a *escrevente*, “Gabriela”, se encontra com figuras como Musil, Dickinson, Spinoza e Hölderlin: “Eu estava com Spinoza, quando ele me dizia que a tristeza é a passagem de uma maior a uma menor perfeição” (LLANSOL, 1985, p.63). Esses seres habitam e vagam pelo espaço literário, formando uma comunidade de resistência e afinidades, aparecendo e desaparecendo em sua impossibilidade de completude.

Essas figuras do texto de Gabriela Llansol não são uma criação sua, mas uma aparição. Aparição de algo mais que ela mesma, personagem; a qual se pode chamar de personagem icônica, cujo contorno é impreciso. “O ícone não resulta de uma visão, mas a provoca”².

Ao leitor/*legente* cabe o esforço de se posicionar abertamente diante do texto e seguir os rastros da escrita. “A leitura. A legência. Tarefa delicada, sabemos, porque trata-se, sim, de ler, mas de ler a partir de uma certa posição: a daquele que só é legente porque se deixou fulgorizar pelo texto; *porque está a ser levantado pelo texto*” (CASTELLO BRANCO; ANDRADE, 2007,p.11).

Um termo de Llansol é levar, em última instância, a uma *enosis* – um apagamento da distinção entre sujeito e objeto –; os entes não se situam num qualquer “alhores” (noutra parte, noutro lugar) em relação à factualidade das figuras

² Anotação feita no curso de Teoria da Literatura V, do Professor Manoel Ricardo de Lima. Sem referência.

extraliterárias, como Mozart e Bach, mas são, a todo instante da leitura, um sinal do “ nenhures” (nenhum lugar)³ a que convidam.

Nesse universo de entes, onde o escritor se torna *escrevente*; e o leitor, *legente* – entes descorporificados e desterritorializados –, o texto é um lugar de aproximação: a distância entre escrevente e legente não é maior que as paredes da casa; paredes, estas, que se movem, caem e são reerguidas de outra forma, em outro lugar, dispostas pelas páginas entre espaços em branco e letras que se performam em títulos ou se erigem em fragmentos sem títulos, talvez por temor de se dar crédito a algo no reino do simulacro, eternamente retornando em sua presença ausente, promovendo uma circularidade na ordem do legível, que, a um só tempo, desintegra qualquer equilíbrio e transforma.

nota 2: da casa-Portugal

a casa surgira subitamente, a dois passos do rio. Casa de não-ver, evocada pelo sussurro da escrita que era uma saudação. [...] esperavam que ela os convidasse a entrar; mas a casa apenas existia invisível, Ana de Peñalosa sobressaltou-se e pediu aos livros silenciosos e às plantas que os guiassem. Persistia a imobilidade e a aparência do nada. [...]

estava escrito

que a casa sonhada não podia servir de abrigo,

nem de cama,

nem de mesa,

mas de lugar de batalha.

(LLANSOL, 1982, p.15)

O espaço físico da casa de Llansol parece, por excelência, o não-lugar do território, o não país, e sim um lugar simbólico, habitado pela palavra, um espaço

³ Termos sugeridos pelo Professor Manoel Ricardo de Lima em conversa-orientação sobre a obra de Maria Gabriela Llansol.

literário; um lugar simbólico que remonta ao passado, presentificando e relendo tradições ao se fazer habitar por entes tão temporalmente diversos, formando uma comunidade transversal ao tempo.

Penso que a escrita de Llansol pode ser caracterizada pela distorção; seu texto, assim como Portugal, pode ser visto como território de passagem, de intervalo, de margem (do mundo, da literatura).

Eu creio que Portugal é um território de viagem, estrelado ou com a configuração das estrelas pelos itinerários dos portugueses, fugitivos, judeus, comerciantes, emigrantes, ou navegadores; tal é a árvore genealógica desenhada à margem da literatura portuguesa. (LLANSOL, 1985, p.10)

Entrando na casa de Llansol, esbarra-se com seus entes que permeiam a história e contaminam os espaços com suas presenças. Personagens, como Nietzsche, Müntzer, Pessoa e Camões, que sofreram algum tipo de infortúnio na vida e que, ao serem resgatados e nomeados pela narradora, podem, de alguma maneira, encontrar no texto uma (ou várias) nova forma de reescrever a história, numa sugestão “de que o Passado não garante nada” (LOURENÇO, 1998, p.16). Nesse movimento, a autora relê Portugal.

A escrita descentrada reúne o passado e o presente português; tempos que se inscrevem pela mutabilidade, criando um espaço de encontros e de aceitação, além das máscaras da utopia – sempre tão presentes na literatura portuguesa, de Luís de Camões a Herberto Helder (passando por Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Ruy Belo, por exemplo). Um texto que repensa questões como identidade, soberania e hegemonia; uma forma de rever Portugal na Europa, como um percurso de volta feito por esse território de viagem que na escritura aprofunda e desloca a aparente imutabilidade portuguesa. Para Llansol, escrever é estar em viagem, e seu texto é atravessado por diversas vozes, promovendo encontros que ultrapassam noções de tempo e de espaço.

eu escrevia por costume de ter visões mesmo agora,
quando terras de Portugal me parecem um empache, sei que
bastariam múltiplas deslocções no território

cair todas as manhãs em amnésia

perder toda a possibilidade de identificar-me
e de ter nome,

os lugares comuns da cultura esquecidos. Seres de proveniência
anónima contemplam-se em silêncio e nas margens.

(LLANSOL, 1982, p.67)

A casa se tornou uma espécie de microcosmos de conflitos e significações. Casa
de linguagem, alocada numa zona móvel, para além da casa portuguesa.

Espaço Llansol: comunidade, território, escrita

Por esto, es el *ser* <<mismo>> quien acaba por definirse como
relación, como no-absoltez, y si se quiere – es em todo caso lo
que intento decir – *como comunidade*.

(NANCY, 2001, p. 20)

O território é primeiramente a distância crítica entre dois seres
da mesma espécie: marcar suas distâncias. O meu é
primeiramente minha distância, não possuo distâncias.
(DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 127)

Como dito anteriormente, os entes que povoam “Espaço Llansol” (como a
própria autora nomeia o espaço singular de sua escrita, o que sua escrita de fato
constitui e constrói) permanecem unidos pelo espaço do texto-território, formando uma
espécie de *comunidade* errante que perpassa boa parte da obra da Maria Gabriela (termo
cunhado em *O livro das comunidades*, de 1977, o primeiro da “Trilogia de Rebeldes”),
povoando e contaminando o território- escrita – e sendo contaminada por ele.

A respeito dessa ideia de contato, de contaminação entre as figuras e a escrita,
penso que o espaço do texto é arquitetado como um modo de percepção imposto pelos

entes colocados sob o signo da comunidade, numa espécie de rasura da autonomia existencial de um poder-ser, um *como ausentar-se de si mesmo* – condição tão cara ao povo português desde os tempos de Camões –, tomando o texto como lugar de passagem, de caráter incompleto, inacabado. Cabe citar Deleuze; Guattari quando afirmam ser o território efeito da arte, tomando o território como aquilo que pertence ao sujeito; o corpo como território: “Não no sentido em que essas qualidades [caráter expressivo da arte] pertencem a um sujeito, mas no sentido que elas desenham um território que pertencerá ao sujeito que traz consigo ou que as produz” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 123).

Esse espaço da (arte) escrita é, em Llansol, um não-lugar, onde é possível firmar a escrita sem o peso da autoria; onde quem fala é a linguagem que pertence, nesse lugar, à literatura; onde já não há ponto de origem nem de chegada.

Assim entendemos as palavras de Blanchot, que pela sua radicalidade atravessam a intimidade do problema: o ‘não-lugar’, pois em Blanchot todo ponto de origem e de chegada é abolido, e tudo acontece pelo meio, num fluxo enlouquecido; um ‘não-lugar’ onde a escrita desloca-se e a um só tempo afirma-se: espaço no qual reside a comunidade que vem, trazendo sua força, sua singularidade e, com isso, reinventando o conceito de comunidade. (OLIVEIRA, s/d)

Nesse espaço de distorção, inserem-se marcas ‘gráficas’ características da escrita Llansol: longos traços e pausas – espaços em branco –, marcas estas que denotam a postura da autora diante/entre o texto. O traço é um vestígio, um apagamento de um contorno, um rosto, que resulta no apagamento do signo; “um sentido que não é uma finalidade”⁴; o traço é um rastro do que nunca esteve no mundo. O traço, como o espaço em branco, é o indizível. Vejo essas marcas como suspensão, um repouso da fala: silêncio. Uma tentativa de tocar onde as palavras não alcançam (tocar o indizível/invisível, o segredo, a morte).

O silêncio é uma experiência interior, análoga à respiração: quando inspiramos, é o ar, matéria da exterioridade, que vem

⁴ LÉVINAS. Anotação de aula. Sem referência.

penetrar o nosso corpo até as entranhas. O sopro está associado à vida e à morte. Se morrer é perder, o sopro, o silêncio especializa-se entre o duplo movimento do inspirar e do expirar. (MOURÃO, s/d)

Penso nesse movimento como uma busca radical da palavra escrita, que acaba escapando, deixando apenas uma marca, uma forma de burlar a “impostura da língua”⁵ para compor *cenias fulgor*. *Cenia fulgor* é também um conceito llansoliano, espaço da escrita subversiva, que luta contra a significação convencional; espaço de epifania, onde a palavra fulgoriza e de onde o texto se abre em si e irradia. De acordo com Érica Zíngano:

O fulgor é da ordem do brilho, do resplendor, de um enorme clarão, de uma irradiação de uma grande luz. Essas cenias brilhantes são o acontecimento da escrita em Llansol e são vistas por ela como nós construtivos, onde as figuras, que não são obrigatoriamente pessoas, mas módulos, contornos, delineamentos, acontecem em escrita: uma frase, um animal ou uma quimera podem ser nós construtivos. Essas cenias também podem ser entendidas como anéis, onde há o laço, uma união.

Essa ação de fulgorizar, de irradiar, faz com que a unidade do texto se perca, se estilha em fragmentos autônomos, que, descontextualizados e ressignificados, operam em si; esse estilhaçamento “se dá pela produção de imagens que apresentam a realidade de uma outra forma, descontínua e fragmentária” (CANTINHO, 2004); essas imagens-fragmentos dão acesso a novos lugares, novos afetos, sugerindo novas histórias.

A cenia fulgor manifesta-se como um real, é real em “uma presença que se faz imagem”; suspende os significados aos quais estamos acostumados e compõe um espaço regulado pela afetividade, que permite a comunicação entre seres humanos, animais e plantas, sugerindo uma comunicação universal.

⁵ “A rapariga que temia a impostura da língua” é uma das figuras que perpassam vários livros de Maria Gabriela Llansol, sendo ela, a autora, algumas vezes, essa rapariga.

Arrancadas à sua dimensão de personagens e àquilo que, na história é efeito de poder, fragmentadas e descentradas, desviadas de uma determinada ordem de significação, conduzem a uma nova significação, que já não é da ordem do representável, mas sim da apresentação ou do desvelamento de uma nova realidade. (CANTINHO, 2004)

Desse modo, vejo o texto de Llansol como um devir, em suspensão, sempre em construção à medida que agrega e se deixa permear por outros textos e personagens e estes se movem incessantemente pelas páginas, como um palimpsesto, que se abre ao legente e pede a ele sua participação no movimento de construção de uma nova história que nunca há de se concretizar, já que “Tudo está a ser dito e o resto não descreverá um momento da História” (LLANSOL, 1977, p.29).

Este brevíssimo exercício de leitura me faz pensar na escrita de Maria Gabriela Llansol como uma busca por não ser literário, por fugir da letra; um encontro com uma literatura outra, numa viagem em que lugares se configuram, desfiguram, figuram, fulguram no apagar dos pontos de referência; um habitar de entes num espaço não-expressivo, onde a linguagem é e nada diz, fala no que se cala, abrindo-se para animar o inanimado, deslocando-se sempre, retardando ao infinito qualquer compreensão.

Penso numa cartografia de visionários que não separa sua vida da escritura, por ver rasuras que vão se inscrevendo em cenas que à escritora acontecem. Imagens que vêm sem tempo, nos meses de preparação para a guerra, dias da vida que resta; dias de julho e agosto, meses distantes do início e do fim; dias e dias destinados a Luís M. “sem qualquer forma de expressão” a “sair da História” para “a inscrição antecedente do nada” (LLANSOL, 1984, p.15). Um Tejo-rio de águas de escrita, por sobre as quais tanto se fala e muito pouco se diz. “O exílio levou-nos a falar a língua por dentro, e a olhá-la por fora” (LLANSOL, 1984, p. 19). E é nesse desterro que surgem as luzes que os entes trazem repetidas vezes, ou que recaem sobre os entes, lacerando-os, sombreando-os.

Novos ventos de onde pudessem partir dos entes, com a linguagem, um desterro fulgurante que se escreve e lança grandes sombras à medida que passeia. Brigando elas com a luz, que, impossibilitada de ser uma, se fez múltiplas luzes que sopram e fazem

tremeluzir, gerando um estranhamento. Nesse movimento de luz e sombras, a palavra também bruxuleia, e a página se abre como um novo território para uma leitura de fragmentos.

Referências

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANTINHO, Maria João. Imagem e tempo na obra de Maria Gabriela Llansol. **Espéculo Revista de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2004. Disponível em:

<<http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/llansol.html>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

CARNEIRO, Rebecca Cortez de Paula. O encontro inesperado do diverso: A escritura de Maria Gabriela Llansol. **EmTese**, v 2 , dez. 1998.

CASTELLO BRANCO, Lucia; ANDRADE, Vania Baeta. Para compor, com rigor, um ramo lilás. In: _____. (Orgs) **Livro de asas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS** – Capitalismo e esquizofrenia. Vol.4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A inelutável cisão do ver. In: **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. Imagen semejante o image aparente. In: **Imágenes pese a todo** (Memoria visual del holocausto). Trad. Mariana Miracle. Barcelona: Paidós, 2004.

_____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

LOPES, Silvina Rodrigues. **TEORIA DA DES-POSSESSÃO** – Ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Black Sun, 1988.

- _____. Exercícios de aproximação. Lisboa: Edições Vendaval, 2003.
- LOURENÇO, Eduardo. **Nós como futuro**. Lisboa: Assírio&Alvim, 1998.
- _____. **A nau de Ícaro e Miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **O livro das comunidades** – Geografia de rebeldes I. Porto: Afrontamento, 1977. (Coleção Contradizeres)
- _____. **A restante vida** – Geografia de rebeldes II. Porto: Afrontamentos, 1982. (Coleção Contradizeres)
- _____. **Na casa de julho e agosto** – Geografia de rebeldes III. Porto: Afrontamentos, 1984. (Coleção Contradizeres)
- _____. **Um falcão no punho** – Diário I. Lisboa: Relógio d'Água, 1985.
- _____. **LISBOALEIPZIG 1: O ENCONTRO INESPERADO DO DIVERSO**. Lisboa: Rolim, 1994.
- _____. **Inquérito às quatro confidências** – Diário III. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.
- _____. **Onde vais, drama-poesia?** Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- MOURÃO, José Augusto. **Para uma semiótica do silêncio**. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/447/445>. Acesso em 23 abr. 2010.
- NANCY, Jean-Luc. La comunidade desdobrada. Trad. Pablo Perera. Madrid: Arena Libros, 2001.
- _____. La pintura en la gruta. In: **Las musas**. Trad. Horácio Pons. Bs As: Amorrortu, 2008.
- OLIVEIRA, Nilson. **Maria Gabriela Llansol: a escrita como vontade**. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=3332>>. Acesso em: 23 abr. 2010.
- SANTOS, Cristina Maria Paes. Portugal e Europa em fulgurância com Maria Gabriela Llansol. Disponível em: <http://www.geocities.ws/ail_br/portugaleeuropaemfulgurancia.htm>. Acesso em: 23 abr. 2010.

ZÍNGANO, Érica. *Este texto podia continuar assim: Derivas a partir de Onde vais, drama-poesia?*, de Maria Gabriela Llansol. In: **Zunái Revista de Poesia e Debates**. Disponível em:

<http://www.revistazunai.com/ensaios/erica_zingano_derivas.htm#_ednref2>. Acesso em: 24 jun. 2012.